

Dulce e os dragões: o tempo e a memória da aids em Caio Fernando Abreu (1988 – 1990)

Autor:
Guilherme Cardoso

Orientador:
Prof. Fernando Nicolazzi

Resultados

A partir da década de 1980, a epidemia de aids/HIV entre homens homossexuais reconfigurou movimentos sociais e identidades, e o **discurso literário** se afirma como uma das maneiras de pensar/escrever sobre a aids, abrindo possibilidades na epidemia discursiva que surge. **Caio Fernando Abreu** destaca-se ao tratar do tema na literatura, fundando um estilo, cujo campo de tensa relação com a aids torna-se o cenário para indivíduos e suas experiências com o tempo, a sexualidade e a morte virem à tona: o medo, a condição e a memória da aids, assim, permanecem como um espectro, ancorados no passado que se estende, impondo-se como experiência de **puro presente**.

Observa-se não somente indivíduos que carregam a condição e a metáfora de atingidos pela aids, mas também a busca por si mesmo em uma cidade obscura, doente e *trash*, entregue à uma temporalidade confusa, pessimista e melancólica.

O presente, onipotente, impõe-se: único horizonte, sem futuro, valorizando o imediato (HARTOG, 2014, p.148) na figura de pessoas imersas em um modo de vida deprimido e veloz; o passado torna-se um depósito de memórias que incitam o pior e o melhor da constituição de si, e o futuro torna-se - nas palavras da personagem Márcia - *demente*: “O passado é uma cilada, não há presente nem nada, o futuro está *demente*: estamos todos *contaminados*”.. Assim, os discursos incorrem diretamente a quem é atingido pela enfermidade e na **maneira que o indivíduo se coloca no tempo e no espaço**.

Objetivos

Analisar em “**Onde Andará Dulce Veiga?**” (1990), e em contos de “**Os Dragões não conhecem o Paraíso**” (1988), de Caio Fernando, de que forma a memória da aids se inscreve nas **experiências do tempo** – em especial um presente longo, sem futuro e onipotente, como verificado no regime presentista de historicidade, desenvolvido por François Hartog.



Referência: HARTOG, François. Regimes de historicidade – presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.